

## EDITORIAL

Já dizem muitos sociólogos da ciência que esta última não é uma atividade puramente epistêmica, influenciada apenas pela busca do conhecimento. É possível adicionar às suas evidências a própria experiência da *Contraponto*: por conta de todo o contexto experimentado pelos pós-graduandos brasileiros no ano passado e com alguns desdobramentos neste ano de 2019, foi-nos impossível seguir a periodicidade proposta pela revista, e no ano de 2018 foi lançado apenas um número. Sentimos muito por este fato, especialmente aos autores que nos confiaram seus textos por tanto tempo, e desejamos que as próximas equipes consigam manter o ritmo de publicação e não necessitem contornar um número.

Quando nos referimos a “próximas equipes”, introduzimos ao fato de que a equipe editorial necessitará forçosamente ser renovada. Os dois editores, que trabalham na revista desde os seus mestrados, e que permaneceram fixos, Ricardo Cortez Lopes e Gabriel Guerra Câmara, estão no fim de seus doutorados e precisarão passar adiante a honra de tal cargo. Da experiência, ficaram muitas lembranças positivas, como os números do periódico sendo elogiados por leitores ou as relações com os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (que editam a *Sociologias*) e com o PET ciências sociais (que editam a *Todavía*) que foram oportunizadas justamente pela atividade editorial. Todas essas parcerias foram muito frutíferas e aprendemos muito com cada uma delas. Por fim, também agradecemos à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo apoio técnico da plataforma SEER.

Findas as despedidas, podemos explorar em especial um pouco esse número, cujo conteúdo compensa o tempo de espera. Inicialmente, a temática desse volume seria a do Seminário Discente do ano passado, porém nem todos os autores selecionados pelos organizadores como destaque se interessaram por publicar neste espaço. Sua ausência, no entanto, não foi seguida da queda de qualidade do produto final. Por essa razão, a temática foi livre, embora haja um fio condutor nas produções: **a inclusão no sentido da busca da igualdade**, seja nas relações de trabalho, de gênero, de educação, de política etc. Portanto, é nesses termos que apresentaremos os artigos.

O primeiro deles, “Discursos do sindicalismo sobre a reforma trabalhista: uma análise das justificações e crenças das Centrais Sindicais”, de Vinicius Foletto Bevilaqua, trata de justificações e crenças dos representantes do setor sindical brasileiro sobre a reforma trabalhista de 2017. Vale ressaltar que o autor publicou, há pouco tempo atrás, um artigo reativo ao outro lado da moeda, a percepção dos empresários. Assim, em virtude de seu olhar amplo e crítico, o autor se estabelece aos poucos como uma referência obrigatória no assunto.

O artigo seguinte é intitulado “Era um inferno!”: análise narrativa da construção discursiva da emoção do professor e suas reflexões avaliativas sobre os sistemas municipal e federal de ensino”, de Allane de Souza Pedrotti, e aborda uma experiência não exitosa na Educação Básica naquilo que ela possui de mais criador. O texto é rico em dois sentidos: o primeiro por demonstrar que a crise é também criativa e o segundo por recordar os ditos de Bernard Lahire sobre as razões do improvável.

O texto “Os Feminismos Face às Violências Contra as Mulheres: ao final de tudo, quais vozes serão ouvidas?”, de Luiz Antonio Soares Jr, reflete sobre o cruzamento de dados para entender o avanço de legislações sobre o direito da mulher em função da atuação do movimento feminista. A análise do autor recaiu sobre notícias e legislações e busca encontrar regularidades que ajudem a responder à sua questão de pesquisa. A pesquisa acaba sendo interessante na tentativa de ligar atitudes históricas em uma relação causal que aponta para a influências dos movimentos sociais.

A seguir, apresentamos o artigo “Dificuldades e Dilemas Dos Professores Inicantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, na Rede Pública: A Voz do Docente Ingressante”, de Eliane Carneiro Araújo e Ana Maria Gimenes Corrêa Calil, no qual são analisadas a atuação e as dificuldades de professores iniciantes no Vale do Paraíba. Algumas das dificuldades encontradas foram, por exemplo, a falta de apoio de gestores e dos colegas, a indisciplina e o desinteresse do alunado. Tal pesquisa é relevante na medida em que os professores tomam contato com vários dos problemas sociais brasileiros, incorporados nos alunos, e seu reconhecimento parte também da empatia para com seus relatos.

Em “Agradecimentos em monografias: entendendo a persistência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul”, Ricardo Cortez Lopes procura entender quais são os elementos que compõem o impulso para a conclusão de cursos de graduação, mestrado e doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nisso são abordados elementos dialogantes com a prática de pesquisa e que fazem parte da constituição do sujeito pesquisador. O corpus de análise foram os agradecimentos, que fecham as trajetórias nesses respectivos cursos.

No artigo “Movimento Feminista e Partidos Políticos nas Eleições em 2018: Análise do Cenário Rio Grandense”, de autoria de Gabriela Luiz Scapini, Amanda C. Cegatti, Mayara Bacelar Rita, é possível perceber uma acurada análise da relação entre movimentos feministas e partidos políticos, tendo como contexto o estado do Rio Grande do Sul. Diferentemente da pesquisa de Júnior, que pesquisou as leis sendo tecidas, aqui as eleições são o foco. Assim, o volume aborda a democracia em duas dimensões que tem sido fortemente contestadas na hodiernidade brasileira.

A produção seguinte do volume “Entre a música e a política: discursos e práticas da bancada evangélica na Câmara dos Deputados”, de Eduardo Caldeirão, cruza duas

qualidades de dados: a música e a tessitura de leis. O ponto de confluência é a prática religiosa de um segmento evangélico no espaço público brasileiro, abordando parte dessas crenças por meio dessas duas mídias (se a lei puder também ser considerada uma mídia). Assim, trata-se de um diálogo interessante e que abre espaço para muitas inovações teóricas e metodológicas.

No artigo “Ascese e o Pensamento de Nietzsche: Transvalorando os Valores”, Gilberto Silva dos Santos analisa o importante livro “A genealogia da moral” para pensar com o autor modos de abordar metodologicamente os valores contemporâneos. Trata-se de um estudo muito importante porque Nietzsche é muito lembrado por sua “dinamicidade” (no sentido de se autodeclarar como uma dinamite que implode a modernidade) e por seus aforismos, porém o autor é muito mais profundo do que a suspeita.

No texto “A BUSCA DA LIBERDADE: O LUGAR POLÍTICO-SOCIAL DA MULHER INGLESA DO SÉCULO XVIII A PARTIR DOS ROMANCES JANE EYRE E O MORRO DOS VENTOS UIVANTES”, de Caroline Navarrina de Moura e Lis Yana de Lima Martinez, pode-se perceber um estudo do posicionamento da mulher na sociedade inglesa antiga. Tal pesquisa é relevante por conta da capacidade imersiva que carrega a própria literatura: ela permite que se capte muito da subjetividade de uma época por conta da ficção não necessitar ficar presa apenas a evidências, essas descritas friamente. Assim, o ser mulher se mostra em toda a sua complexidade e pode-se estabelecer diálogos profícuos com mulheres de outros contextos e temporalidades, ficcionais ou não.

O último artigo, DECOLONIALIDADE, QUESTÃO AGRÁRIA E NEOEXTRATIVISMO MINERAL: O TEATRO DA HYDRO-ALUNORTE NA AMAZÔNIA PARAENSE, de autoria de Andrey Henrique Figueiredo dos Santos, trata do impacto (com ênfase na questão agrária) da atividade da mineradora Hydro-Alunorte no município de Barcelona (PA). Tal estudo se mostra muito interessante porque o autor foca não apenas nos aspectos naturais envolvidos nessa interação, mas também nas relações humanas – investigada a partir de uma pluralidade de técnicas de pesquisa.

A Contraponto espera contribuir para a discussão científica brasileira num geral, que vem encontrando dificuldades em uma sociedade que não valoriza a pesquisa e cujo setor público não dá conta de financiar essa atividade básica. Uma ciência que parte das significações para propor soluções reais que possam ser efetivamente aceitas e seguidas, para gerar a colaboração e, assim, a inclusão verdadeira e continuada.

Os Editores